



TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

Abel Neves

VULCÃO

BICHODOMATO

Copyright © 2009, Abel Neves

Revisão: Levi Condinho

Grafismo: Patrícia Flôr

Impressão e acabamento: Digital XXI

Depósito Legal: 302 572/09

ISBN: 978-989-8349-01-9

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (electrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização da editora e do Teatro Nacional D. Maria II.

www.bicho-do-mato.pt

VULCÃO

DE **Abel Neves**



TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHODOMATO

Vulcão estreou na Sala Estúdio do TNDM II, a 26 de Novembro de 2009,
com encenação de João Grosso e interpretação de Custódia Gallego.

Uma chaise longue e duas cadeiras, à frente das quais está uma pequena e baixa mesa com tampo de mármore, quase um altar. Atrás, ao fundo, amontoados, alguns pequenos sacos de serapilheira ensanguentados, e uma estante com muitos e velhos frascos de vidro em cores suaves, podendo predominar o branco, o verde e o âmbar. Guardam líquidos e substâncias que, longe, não podem distinguir-se. A iluminação dos frascos é, também ela, suave, num jogo sedutor de brilhos. Um pinguim de peluche está pousado na chaise longue. Entra Valdete. Usa um avental branco, imaculado.

Por aqui, se fazem favor, por aqui. Não reparem. A sala está como está... não reparem. (*Espera que as duas personagens imaginárias ganhem assento e senta-se no extremo da chaise longue, afastada do pinguim. Algum tempo.*) Os senhores ainda demoraram um tempinho, mas obrigada por terem vindo, é muito gentil da vossa parte. (*Breve pausa.*) A coisa já se deu, a coisa já passou, está arrumada! «Os senhores vão a casa da Valdete.» Foram mandados e os senhores vieram... foi, não foi?... Os senhores vão testemunhar a minha maneira de ser, só pode ser isso. O resto é a vida, tal qual é fora de mim, como se eu não existisse, e é isso que dói muito às vezes. Sou muito sensível ao calor. Tem dias que fico quieta a olhar a carpete e... olhem, é como agora... elas saltam e fico com as pernas até ao joelho que parecem pasta de cacau. Não estão a sentir um formigueiro nas pernas, até ao joelho? Assim uma coisa de cócegas e ao mesmo tempo horrível se olhamos para elas? Não? É porque estão de calças. (*Breve pausa.*) Em dias nublados, assim de trovoada, aparecem menos, não sei porquê, ficam na carpete... o pulguedo parece que fica morto, se calha só acontece aqui. E acontecia com o meu marido. Ficávamos os dois a olhar para a carpete e ele dizia: «Valdete, estão quietinhas. A vida é um mistério, então não é?» E eu respondia: «Sim.» Eu quase sempre respondia

sim. Habituei-me a dizer sim para não o contrariar. Contrariado, ele mudava até a cara e ficava a olhar-me com uma fúria tão contida que espumava e rebentava se eu não dissesse logo que sim. Ele gostava de odiar. Era nojento, um asco, um porco. *(Breve pausa.)* Tudo é ainda muito fresco, é natural que eu... que eu não... não queria que ficassem com má impressão. A nossa casa foi herança da minha mãe. Digo nossa porque ao tempo em que nos decidimos por ela ainda o amor fazia milagres. Casámos. Uma cerimónia íntima, na igreja. Na igreja, mas íntima. Ao passarem o portão, há pouco, viram um casebre todo em vidro e folhagem? Era aí que ele fazia os vasos para recolha... recolha. Fazia-os em castanho, carvalho... pequenos vasos maciços... polidos... tudo à mão, artístico... nisso, eu ajudei-o, sim... fazia umas pinturinhas em volta. O meu marido gostava do nome... canopos. Uma aldrabice, era o que era! *(Para uma das personagens imaginárias.)* O senhor não conheceu o meu marido. Era uma jóia. *(Breve pausa. Como que ouve algo no exterior. Levanta-se. Vai com intenção de levar a mão ao pinguim para pegar nele, hesita, sempre com atenção ao que ouve no exterior, e sai, deixando-o sem lhe mexer. Reentra pouco depois.)* Dediquei-me ao meu marido e qual foi a paga dele? *(Breve pausa.)* Se havia alguém que o odiava, esse alguém era eu, mas cuidei dele